



Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)

Educação: Políticas, Estrutura e Organização 7

Atena
Editora
Ano 2019

Gabriella Rossetti Ferreira

(Organizadora)

Educação: Políticas, Estrutura e Organização

7

Atena Editora

2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação [recurso eletrônico] : políticas, estrutura e organização 7 /
Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2019. – (Educação: Políticas, Estrutura e
Organização; v. 7)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-308-8

DOI 10.22533/at.ed.088190304

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Currículo
escolar – Brasil. 3. Educação – Pesquisa – Brasil. 4. Políticas
educacionais. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II. Série.

CDD 370.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Educação: Políticas, Estrutura e Organização – Parte 7” traz capítulos com diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo da educação.

A educação é uma atividade que se expressa de formas distintas, envolvendo processos que tem consequências nos alunos, possui métodos que precisam ser compreendidos; envolve o que se pretende, o que se transmite, os efeitos obtidos, agentes e elementos que determinam a atividade e o conteúdo (forças sociais, instituição escolar, ambiente e clima pedagógico, professores, materiais e outros) (SACRISTÁN, 2007).

O conceito de educação é inseparável do ente subjetivo que lhe dão atributos diferenciados. A educação é algo plural que não se dá de uma única forma, nem provém de um único modelo; ela não acontece apenas na escola, e às vezes a escola nem sempre é o melhor lugar para que ela ocorra. A escola deve estar pronta para atender a diversidade cultural, conduzindo a aceitação e o respeito pelo outro e pela diferença, pois se valoriza a ideia de que existem maneiras diversas de se ensinar e conseqüentemente diferentes formas de organização na escola, onde seja levado em consideração a complexidade da criação de um currículo que atenda o desafio de incorporar extensivamente o conhecimento acumulado pela herança cultural sem perder a densidade do processo de construção do conhecimento em cada indivíduo singular.

A escolaridade faz parte da realidade social e é uma dimensão essencial para caracterizar o passado, o presente e o futuro das sociedades, dos povos, dos países, das culturas e dos indivíduos. É assim que a escolarização se constitui em um projeto humanizador que reflete a perspectiva do progresso dos seres humanos e da sociedade.

Em uma escola democrática não há barreiras educacionais, eliminam-se a formação de grupos com base na capacidade dos alunos, provas preconceituosas e outras iniciativas que tantas vezes impedem o acesso e permanências de todos na escola, proporcionando um ensino de qualidade para todos, sem exclusão.

Gabriella Rossetti Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ENSINO HÍBRIDO: A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO PARA O ENGAJAMENTO DO ALUNO NAS DISCIPLINAS SEMIPRESENCIAIS	
Adriano Rosa Alves Eliza Adriana Sheuer Nantes	
DOI 10.22533/at.ed.0881903041	
CAPÍTULO 2	17
ENTRE A LEGISLAÇÃO E A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: APONTAMENTOS INICIAIS SOBRE O PPC DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA DA UFPA	
Erita Evelin da Silva Silva Wilma de Nazaré Baía Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.0881903042	
CAPÍTULO 3	29
ENTRE METODOLOGIAS E PROJETOS DE PESQUISA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM LICENCIANDOS EM MÚSICA	
Elisa da Silva e Cunha Maria Cecília de Araujo Rodrigues Torres	
DOI 10.22533/at.ed.0881903043	
CAPÍTULO 4	37
ERA UMA VEZ... UM DIÁLOGO COM A LITERATURA INFANTIL E O CORPO EM MOVIMENTO	
Sára Maria Pinheiro Peixoto Ana Aparecida Tavares da Silveira Fabyana Soares de Oliveira Marcilene França da Silva Tabosa Maria Aparecida Dias	
DOI 10.22533/at.ed.0881903044	
CAPÍTULO 5	47
ESCOLA DE PALHA, DE MADEIRA OU DE TIJOLOS? A IMPORTÂNCIA DA INFRAESTRUTURA DAS ESCOLAS PÚBLICAS NA PROMOÇÃO DA PERMANÊNCIA E SUCESSO ESTUDANTIL	
Mariana Rocha Fortunato Beatriz Oliveira Duarte Simone Braz Ferreira Gontijo	
DOI 10.22533/at.ed.0881903045	
CAPÍTULO 6	56
ESCOLA EFICAZ: QUAL É O OLHAR DOS DOCENTES DAS ESCOLAS EM TEMPO INTEGRAL DE PERNAMBUCO?	
Vilma Cleucia de Macedo Jurema Freire	
DOI 10.22533/at.ed.0881903046	

CAPÍTULO 7	65
ESPIRAL DE SENTIDOS E AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA PARA GRADUANDOS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFRN	
Josângela Bezerra da Silva Marcelo dos Santos Bezerra Elda Silva do Nascimento Melo	
DOI 10.22533/at.ed.0881903047	
CAPÍTULO 8	77
ESSE PAPEL NÃO É SÓ SEU, É DA ESCOLA!	
Elcio Galioni Fernanda Aparecida Loiola Barbosa Mariana Fogaça Marcelo	
DOI 10.22533/at.ed.0881903048	
CAPÍTULO 9	83
ESTÁGIO SUPERVISIONADO: ANÁLISE E PERCEPÇÃO DAS AULAS DE MATEMÁTICA	
Antonia Dália Chagas Gomes Cibelle Euridice Araújo Sousa Francisco Jucivânio Félix de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.0881903049	
CAPÍTULO 10	91
ESTUDO COMO ATIVIDADE ARTÍSTICA	
Adriana Vieira Lins Ciro Bezerra Claudio da Costa Alluska Souza Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.08819030410	
CAPÍTULO 11	100
ESTUDO E VIRTUDE: CONTRADIÇÕES NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	
Ciro Bezerra Daniella Meneses de Oliveira Arroxellas Denis Avelino Roseane Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.08819030411	
CAPÍTULO 12	108
ESTUDO SOBRE OS PRIMEIROS PLANOS DE AULA APRESENTADOS POR ALUNOS DE UMA GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA	
Otávio Vieira Sobreira Júnior Francisco Wagner de Sousa Paula Lydia Dayanne Maia Pantoja Germana Costa Paixão	
DOI 10.22533/at.ed.08819030412	

CAPÍTULO 13	118
EXAME NACIONAL PARA CERTIFICAÇÃO DE COMPETÊNCIAS DE JOVENS E ADULTOS: COMPETÊNCIA, CERTIFICAÇÃO E NEGAÇÃO	
Marcilene Ferreira Rodrigues Valdivina Alves Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.08819030413	
CAPÍTULO 14	132
EXPECTATIVA VS REALIDADE: JOVENS ALÉM DOS FONES DE OUVIDO	
Alice Luz Elisa da Silva e Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.08819030414	
CAPÍTULO 15	142
EXPERIÊNCIA SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO SUPERIOR: O RELATO DE UMA ESTUDANTE SURDA EM UMA ESCOLA INCLUSIVA	
Cristiane Gomes Ferreira Sabrina de Azevedo Evangelista	
DOI 10.22533/at.ed.08819030415	
CAPÍTULO 16	152
EXPERIÊNCIAS ELENCADAS NO PROJETO “LETRANDO NO LUGAR ONDE VIVO!” APLICADAS NA ESCOLA MUNICIPAL DR. MILTON SOLDANI AFONSO, EM CAMPO MAIOR – PIAUÍ	
Julianna Soares de Sousa Márcia Cristina dos Santos Costa	
DOI 10.22533/at.ed.08819030416	
CAPÍTULO 17	169
EXPLORANDO O CORPO HUMANO: DISCURSOS EM LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO	
Jucenilde Thalissa de Oliveira Fernando Vinícius Pereira de Almeida Jackson Ronie Sá-Silva Marcos Felipe Silva Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.08819030417	
CAPÍTULO 18	174
FALTA DE ATIVISMO DOCENTE: DESCARACTERIZAÇÃO DA PROFISSÃO - CENTRO NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Genilda Alves Nascimento Melo Célia Jesus dos Santos Silva Andréia Quinto dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.08819030418	

CAPÍTULO 19 185

FATORES DA EVASÃO ESCOLAR: NA ESCOLA JOSÉ DO PATROCÍNIO, DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA, NO DISTRITO DE FAZENDINHA EM MACAPÁ, AMAPÁ – BRASIL

Maria Raimunda Valente de Oliveira Damasceno
Nilda Miranda da Silva
Diana Socorro Leal Barreto
Eliana da Silva Rodrigues
Irany Gomes Barros

DOI 10.22533/at.ed.08819030419

CAPÍTULO 20 196

FORMAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL DE PROFESSORES DE LIBRAS EM UNIVERSIDADES PÚBLICAS PARANAENSES

Josiane Junia Facundo de Almeida
André Luis Onório Coneglian
Antônio Aparecido de Almeida
Cleusa Camargo de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.08819030420

CAPÍTULO 21 207

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES EM CONTEXTOS VIRTUAIS: AS REDES DE COLABORAÇÃO COMO NOVAS FORMAS DE APRENDER E ENSINAR

Ana Lúcia de Souza Lopes
Marili Moreira da Silva Vieira
Claudia Coelho Hardagh

DOI 10.22533/at.ed.08819030421

CAPÍTULO 22 219

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: O DIÁLOGO E A PARTICIPAÇÃO COMO PRINCÍPIOS FORMATIVOS

Maria Perpétua do Socorro Beserra Soares

DOI 10.22533/at.ed.08819030422

CAPÍTULO 23 231

FORMAÇÃO CONTINUADA NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR? O LUGAR DO TÉCNICO ADMINISTRATIVO EM EDUCAÇÃO

Nancy Costa de Oliveira
Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas

DOI 10.22533/at.ed.08819030423

CAPÍTULO 24 243

FORMAÇÃO CONTINUADA PARA PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O ENSINO DA DIVERSIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR

Oswaldo Jefferson da Silva

DOI 10.22533/at.ed.08819030424

CAPÍTULO 25	254
FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE O ENSINO DE MATEMÁTICA E CIÊNCIAS DA NATUREZA	
Adriana Camejo da Silva Aroma Paulo Fraga da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.08819030425	
CAPÍTULO 26	265
FORMAÇÃO TÉCNICA E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: REFLEXÕES DA EDUCAÇÃO PERMANENTE COM A PRÁTICA	
Queila Carla Ramos da Silva Alcantara Ana de Kássia Silva Lyra Sebastião Soares Lyra Netto Jedida Severina de Andrade Melo Rosilene Tarcisa da Silva Lisboa Andréia Gilzélia de Arruda Santana Paula Helena da Rocha Silva	
DOI 10.22533/at.ed.08819030426	
CAPÍTULO 27	282
FRACTAIS COMO EIXO INTEGRADOR ENTRE AS DISCIPLINAS DE QUÍMICA E ARTES	
Samara Régia de Andrade Pascoal Eron Santos de Souza Marianne Louise Marinho Mendes Cristhiane Maria Bazilio de Omena	
DOI 10.22533/at.ed.08819030427	
CAPÍTULO 28	290
FUNÇÕES QUADRÁTICAS ATRAVÉS DE AULAS DINAMIZADAS COM <i>SOFTWARE</i> : UMA PROPOSTA PARA O EJA	
Rosângela Araújo da Silva Luana da Silva Dantas Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.08819030428	
CAPÍTULO 29	298
FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS PRESENTES EM PESQUISAS COM MODELAGEM MATEMÁTICA EM ARTIGOS PUBLICADOS NA REVISTA BOLEMA	
Daniel Santos de Carvalho Everton Soares Cangussu Naralina Viana Soares da Silva Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.08819030429	
CAPÍTULO 30	310
GAMIFICAÇÃO COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
Cristiana Marinho da Costa Janaina Alves de Lima Nathalya Marillya de Andrade Silva Josley Maycon de Sousa Nóbrega Jefferson Silva Costa Quercia Carvalho Eloi	
DOI 10.22533/at.ed.08819030430	

CAPÍTULO 31	315
GÊNERO: UMA ANÁLISE DOS MATERIAIS DIDÁTICOS EM UMA ESCOLA CATÓLICA	
Selmara Lima de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.08819030431	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	320

EXPECTATIVA VS REALIDADE: JOVENS ALÉM DOS FONES DE OUVIDO

Alice Luz

Centro Universitário Metodista – IPA
Porto Alegre – Rio Grande do Sul

Elisa da Silva e Cunha

Centro Universitário Metodista – IPA
Porto Alegre – Rio Grande do Sul

RESUMO: Este é um recorte do relatório de estágio do curso de Licenciatura em Música no Centro Universitário Metodista - IPA, realizado com alunos de três turmas do ensino médio, em uma escola pública de Porto Alegre/RS no ano de 2017. O artigo destaca alguns aspectos das aulas de música vivenciadas durante o processo de estágio. Dentre estes, o comportamento sociocultural destes jovens diante de suas vivências pessoais no cotidiano, a sua relação com a música, e o uso de fones de ouvido, assunto abordado logo após a introdução. O planejamento foi elaborado a partir das perspectivas musicais dos alunos, utilizando as mídias sociais como uma das formas de interação e diálogos durante as práticas, visando conhecer o novo contexto das culturas juvenis, e estabelecer uma relação franca, ouvindo e destacando suas opiniões. A proposta é levar a reflexão e diálogo a respeito da importância da educação musical, seus desafios e a visão que o aluno tem de si, do meio em que está inserido

e a relevância da música.

PALAVRAS-CHAVE: Educação musical. Culturas juvenis. Música.

ABSTRACT: This paper presents part of the report of a supervised trained period which consist of one of the conditions to complete the undergraduate course in Music at the Centro Universitário Metodista – IPA. The supervised trainee period occurred in high school classes, at a public school in Porto Alegre-RS in the year 2017. The article highlights aspects of music lessons experienced during, the sociocultural behavior of these young people considering their personal experiences in daily life and their relationship with music and the use of headphones. The planning was elaborated considering the musical perspectives of the students and using social media as one of the resources to establish the interaction and the dialogue with them. Furthermore, during the classes, I have had the intension to know the new context of the youth cultures, and to establish an open dialogue and relationship, listening and voicing their opinions.

KEYWORDS: Musical education. Youth cultures. Music.

1 | INTRODUÇÃO

Qual é o nosso olhar aos adolescentes nos últimos anos? Como nos relacionarmos? O que é verdade ou pura especulação ao seu respeito? E eles, como se veem? Fiz estas perguntas ao longo de observações e práticas em uma escola no centro de Porto Alegre com alunos de três turmas do 1º ano do ensino médio, com idades entre 15 e 18 anos, de 28/08/2017 a 23/11/2017, com um período semanal com cada turma à tarde.

Quando se entra em uma escola é quase impossível não se lembrar de quando éramos alunos, das amizades, daquele professor divertido que nos fazia assistir a aula só porque ela/ele estava lá, da paixão por outro aluno que normalmente é de outra série, do estresse de tentar achar um grupo e depois a felicidade encontrar um lugar onde se é aceito, enfim, entrar em uma escola nos faz lembrar de vida fresca, de expectativa, de potencial, de emoções a flor da pele, onde tudo é muito intenso e instantâneo. É na escola que potencializamos a descoberta da resposta imediata, dos argumentos, do pensamento. Mas a escola mudou não é mesmo? Anos atrás não era permitida a entrada na escola com celular, os computadores nas escolas não funcionavam ou a escola nem os possuía; aparelhos como MP3 e MP4 (pra quem estudava neste período) eram confiscados pelo professor e devolvidos para o responsável na ‘bendita’ entrega de avaliação. Com os amigos, a autonomia de explorar o vocabulário sem freios, de fazer aquela piada sabendo que a galera iria rir, de ter como desafio matar aula e ganhar o status de ‘perigoso’, e do desespero que bate quando entra o mês de novembro. E hoje? Com adolescentes que dividem seus pensamentos com redes sociais e guardam parte deles em um HD, que abreviam quase todas as palavras e sabem qual o hit novo ao mesmo tempo, em que estão stalkeando (perseguir uma ou mais pessoas nas redes sociais de maneira contínua), o crush (gíria popular, termo usado para dizer que tem um interesse por uma pessoa ou mais de uma) ou ex-crush, que vão consolar o amigo pelo WhatsApp porque esta de bad (expressão usada para dizer que esta chateado com algo ou com alguém).

Sinceramente parece ser desafiador ser professor quando o aluno mostra estar um passo a frente, e diante desta realidade depois de alguns dias resolvi conversar com estes jovens durante o período de artes, disputando a atenção deles diante de um computador.

Decidi conversar pessoalmente, pois, durante as aulas aparentaram fazer pouco caso de mim. Aliás, pareciam fazer pouco caso de tudo. Ao olhá-los tão seguros tirei conclusões precipitadas ao seu respeito.

Sou uma futura professora de música, os processos de ensino aprendizagem são importantes para todo o professor, sabemos que a escola é uma fonte de aprendizado, mas não a única, sabemos que o professor tem contato direto com o aluno, passa mais tempo com eles do que seus responsáveis muitas vezes, mas também, não são os únicos. Os amigos talvez tivessem toda essa atenção disponibilizada pelos

jovens? Talvez. Quem sabe os responsáveis? Pouco provável. Alguns pais quase fazem malabarismos para ouvir uma frase de um filho, porém, os fones de ouvido são quase inseparáveis. Eles se adaptam ao celular, ao notebook, reproduzem os áudios do WhatsApp e do YouTube, são parceiros nos jogos de RPG e para os amantes de música são colaboradores das trilhas sonoras da vida destes adolescentes, são literalmente a privacidade tão desejada por eles. Graças aos avanços tecnológicos descritos, nunca se consumiu tanta música quanto no momento histórico em que vivemos (GALIZIA, 2014, p.80).

2 | EXPECTATIVA E REALIDADE

Antes de iniciar minhas práticas pedagógicas na escola, ainda durante o período de observações, resolvi estabelecer um contato direto com os alunos. Neste primeiro contato posso afirmar que quando os vi, aparentemente tão indiferentes a minha presença e por estar sob a influência negativa de notícias de violência dentro das escolas por parte dos alunos, gravidez precoce, consumo de drogas, guerra entre gangues, minha aproximação inicial foi repleta de um pré-conceito rude que logo se esfacelou.

Meu critério para decidir com quem faria as primeiras perguntas foram depois de observar e reconhecer quem tinha liderança, ainda que intuitiva dentro de sala. Os nomes a seguir são todos fictícios para preservar a identidade dos alunos entrevistados. As falas estão distribuídas entre alguns alunos das três turmas (101, 102 e 103).

Quanto ao modo como acreditam ser vistos destaquei as respostas que refletem o ponto de vista destes jovens, questionando-os da seguinte forma:

Estagiária – Normalmente as pessoas têm um conceito errado ao nosso respeito, aquela história, expectativa e realidade, o que pensam que somos e o que de fato somos. Partindo desta ideia tu achas que as pessoas têm um conceito equivocado ao teu respeito?

Vitor – Bah, isso acontece direto, dizem que sou funkeiro, marginal, mas tipo, eu nem sou, na real eu curto rap e não sou bandido.

Samuel – Só porque eu gosto de usar essas roupas largas acham que o cara é bandido e tal, na real eu uso essas roupas por que acho legal, não por moda, eu curto assim, é massa.

Gustavo e Conrado – (risos) Acham que “nóis” é marginal, bandidão, mas na real “nóis” é sustentado pela mãe.

Raissa – Ai sempre dizem que sou funkeira, que tenho cara de nojenta e que me acho (risos), credo eu nem sou assim e gosto de rap.

Léo – Acham que sou gay só porque ouço Pablo Vittar, eu não sou gay, eu gosto das músicas, o cara canta bem, eu não dou bola, mas, não sou gay.

Vinicius – Olham pra mim e sempre me confundem com um pagodeiro ou funkeiro, eu até quis ser funkeiro, mas, entrei para igreja, gosto de música gospel, toco baixo lá, o funk não ia me dar nada, aí mudei de caminho.

Laura – Ai, isso é muito complexo, sempre pensam algo sobre a gente, tipo, agora, assim eu não sei, ai sei lá, eu acho que pensam, mas tipo não “tô” nem aí (risos) e

o que pensam pode até ser verdade (risos).

Entre uma resposta e outra é notável a variedade de informações adquiridas por estes jovens ao longo da vida, as aprendizagens e culturas que carregam também é perceptível, às certezas que tem a seu respeito:

Como ser social, os alunos não são iguais. Constroem-se nas vivências e nas experiências sociais em diferentes lugares, em casa, na igreja, nos bairros, escolas, e são construídos como sujeitos diferentes e diferenciados, no seu tempo-espço. E nós, professores, não estamos diante de alunos iguais, mas jovens ou crianças que são singulares e heterogêneos socioculturalmente, e imersos na complexidade da vida humana. (SOUZA, 2014, p.10)

A música pode influenciar comportamento? Este foi mais um dos meus questionamentos.

Renan – Não, acho que não, talvez o artista pelo jeito e tal.

Ben – Nas festas sim, às vezes o cara “tá” desencorajado de chegar na guria, aí toca aquela música (risos). Bah! Daí só vai.

Sofia – Sim, influencia um monte, no jeito de falar, o pensamento.

Rafael – Depende, não sei se influencia tanto, se bem que às vezes se o cara fica ouvindo sempre uma coisa só, tipo, essas músicas que fala de bunda, o cara fica ali só ouvindo bunda, bunda, bunda, bunda, não tem como olhar pra mulher e não pensar em bunda.

Camila – Eu acho que não, cada um é o que é, pelo menos comigo nunca aconteceu de influenciar.

É curioso perceber como alguns alunos reconhecem a importância da música, não só como estímulo sonoro, percebem que o que ouvem repercute em algumas de suas ações, e outros limitam a música somente ao ouvir.

Anne-Marie Green (1987, p. 88) escreve em um de seus trabalhos que a presença da música em nossa vida cotidiana é tão importante que podemos considerá-la como um fato social a ser estudado. [...] preferências musicais dos adolescentes estariam ligadas a gêneros musicais que para eles possuem um significado relacionado à liberdade de expressão e de mudança. Ou seja, a relação que os adolescentes mantêm com a música representa uma manifestação de uma identidade cultural caracterizada por dupla pertença: classe de idade e do meio social (Green, A.M., p. 100 apud SOUZA, 2014, p. 7,8).

Aproveitando o auge dos memes de expectativa e realidade viralizados no Facebook e Instagram, naquele período, realizei as perguntas acima com a intenção de iniciar um diálogo dentro do contexto midiático reconhecido por eles. Outro motivo era encontrar um caminho onde fosse possível ouvir, pensar e falar de música, respeitando as orientações vindas da direção da escola, que informou que, dentro de sala de aula não poderia haver ‘barulhos’, pois, em uma sala de aula haviam duas turmas, desta forma ao cantar, tocar ou construir instrumentos musicais estaria atrapalhando

a ministração de outro professor. Nestas condições, o lugar disponível para as aulas de música foi a sala de informática, local onde a professora de inglês, que ministrava artes para estas turmas, os levava.

Com base no artigo “Maneiras de ouvir música: uma questão para a educação musical com jovens” de Jusamara Souza e Maria Cecília de Araújo Torres foi elaborado um plano de ensino, que envolvesse as mídias sociais e a música como: perguntas sobre suas vivências musicais, sonorização de obras de arte e elaboração de estações de rádios com temáticas inusitadas – estação de futebol com dramatização de novela, estação política com trilha sonora infantil, estação anos 70/80 com um radialista funkeiro, estação de rua com notícias do cotidiano com trilha sonora de músicas clássicas e estação tradicionalista gaúcha com radialistas cariocas e nordestinos.

3 | COM OS FONES DE OUVIDO

No dia da minha primeira prática aproveitei alguns minutos que sobraram para conversar com os alunos de maneira aparentemente informal. Inicialmente não queriam conversar, estavam desconfiados, não me olhavam nos olhos, mesmo assim perguntei qual era a relação deles com os fones de ouvido e porque durante as aulas o usavam.

O primeiro grupo de alunos (turma 101) negou o uso dos fones de ouvidos e dos aparelhos celulares: “Que isso sora?” “Claro que não!” “Da onde?”, até que um aluno me questionou: “Tu não vai falar nada lá em cima né?” referindo-se a direção da escola. Respondi: “Não, isso é uma conversa, eu não estou cobrando, eu só quero saber o que pensam, ouvir vocês e não fazer fofoca”.

A partir deste momento, ouvi através do ponto de vista deles:

Joana – Tá, assim, eu escuto música na hora de escrever, tipo a sora já deu a matéria daí é só copiar, não tem nada demais.

Paulo – É quase mania (retira um dos fones para falar comigo), eu uso direto, mas não é por mau.

Jean – Pra mim, depende do professor, tem uns aqui que não dá, ou é o fone ou eu durmo.

Questionei mais uma vez: “O que é mais importante? O que está dentro ou fora dos fones?”.

Aline – Lógico que é o que está fora, mas a música é mais legal.

O segundo grupo de alunos (turma 102) alegou que os fones não interferem nas aulas:

Bem – Ai... nem tem nada demais, a gente só copia mesmo.

Ruan – Ou é isso ou vou dar uma volta lá na rua.

Laura – Não é sempre que estamos com os fones.

Para este grupo perguntei sobre o resultado ao final do semestre, se durante as aulas estão ouvindo músicas ou distraídos com redes sociais. É provável pensar que

durante as provas não saberão como resolver as questões propostas:

Aline – As notas? Isso aí é tranquilo, é difícil eu tirar um C (resultado médio).

Sofia – Minhas notas são sempre A e B e isso que mato aula direto, porque eu sou dessas (risos).

Arthur – Sora, todo mundo passa.

O grupo três (turma 103) defende o uso dos fones de ouvido:

Duda – É bom, é o nosso mundo, não “tá” incomodando ninguém.

Kaike - Tem professor que nem da bola e a gente faz tudo.

Pergunto então se não atrapalha durante as atividades:

Thais – Tipo, se a música é nova confunde às vezes, porque da vontade de prestar atenção na letra e tal, agora, se já é das velhas da pra copiar até cantando.

Duda – Não, a música não vai tirar a nossa atenção.

Cris – Com música ou sem música eu não faço nada mesmo (risos).

No decorrer dos dias em que estive com estes jovens, durante o tempo em que os observava e durante o período em que fazíamos atividades juntos, estes jovens demonstraram conhecimento sobre diversos assuntos e com o passar do tempo juntos a insegurança das expectativas a seu respeito.

Para Gimeno Sacristán:

O aluno é uma construção social inventada pelos adultos ao longo da experiência histórica, porque são os adultos (pais, professores, cuidadores, legisladores ou autores de teorias sobre a psicologia do desenvolvimento) que têm o poder de organizar a vida dos não adultos. (2005, p. 11)

4 | ALÉM DOS FONES DE OUVIDO

Dentro desta proposta passei por algumas situações que cooperaram para esta escrita, foi um momento de insegurança de minha parte e intimidade aliada com a verdade que veio da parte dos alunos neste processo. Frequentemente o educador musical pode limitar-se somente àquilo que lhe é familiar, em termos de estilos musicais, garantindo-lhe segurança frente aos alunos (GALIZIA, 2014, p. 79).

Em dois momentos da proposta que já havia deixado preparado com antecedência não foi possível concretizar a tarefa. O primeiro motivo ocorreu da seguinte forma: eles (os alunos) haviam pedido para em um dos dias de prática experimentar a composição livre, que segundo eles, era uma prática já conhecida e desenvolvida por eles. E ao ter esse tempo disponibilizado para este processo, grande parte da turma ficou constrangida em realizar a performance e quem estava disponível a realização da atividade em ver a recusa dos demais também desistiu. Então como professora de música me senti incapaz e negligente diante dos alunos. O plano de aula não havia dado certo e eu estava sem ter o que fazer me culpando, pois, uma professora de música deveria fazer a música acontecer e não foi assim. Então eu vi alunos que estavam diante de mim, dispersando-se. Eu sentei e vi o que estava acontecendo.

Este fato ocorreu em uma sala de informática, no segundo período, em uma segunda-feira com a turma 101.

Um aluno pegou minha caixa de som, desligou do meu notebook, pegou seu celular e ligou na caixa de som, fazendo com que, todos na sala ouvissem as músicas que estavam em seu celular. Outros alunos foram para os computadores e assistiram clipes ao mesmo tempo, em que conversavam e ouviam músicas.

Dois alunos sentaram ao meu lado e perguntaram sobre a minha vida musical, o que eu gostava de ouvir, de tocar, como era a faculdade e se eu estava gostando de suas músicas, eu respondi suas perguntas e fiz outras a eles, sobre seus cotidianos, suas expectativas e tudo aconteceu com o cantor Wiz Khalifa fazendo a trilha sonora. Outros meninos me chamaram para ver o que eu achava de uma batalha de rappers, eles riam, achavam que eu iria ficar constrangida pelo que era dito e sem constrangimentos ri junto com eles. Depois três meninas me chamaram para ver uma dança de um rapaz acredito ser da década de 80 no YouTube e assisti com elas.

Eu fiquei decepcionada por um tempo de não ver a música acontecer, eu estava lá para isso, os alunos estavam lá para ver isto e então de modo natural e não planejado estava inserida no que eles chamavam de “seu mundo”, a música estava acontecendo, eles estavam sem seus fones, apresentando suas músicas, uma de suas fontes de aprendizado.

Há, pois, necessidade de construirmos uma educação musical escolar que não negue, mas leve em conta e ressignifique o saber de senso comum dos alunos diante das realidades aparentes do espaço social e se realize de forma condizente com o tempo-espaço da cultura infanto-juvenil, auxiliando a construir suas múltiplas dimensões de ser jovem/criança. (SOUZA, 2014, p. 10, 11)

Outra situação foi quando entreguei a turma 102 uma atividade que consistia em escrever sobre um assunto que consideravam pertinentes, e deveriam falar sobre este assunto, porém, com letras de uma ou de várias músicas. A proposta era levar a reflexão do que costumavam ouvir e atentar ao conteúdo musical sem melodia e sem ritmo.

No tempo em que escreviam, conversávamos e alguns alunos não sabiam sobre o que falar, disseram que até queriam escrever, mas não sabiam qual letra de música colocar. Disse para que fossem ao seu playlist ouvir algumas músicas ou que se lembrassem qual era o perfil de suas músicas e que a partir deste ponto escrevessem. A chave da sala de informática havia sido perdida, fazia alguns dias, então fui para sala de aula já que a turma com quem dividíamos a sala estava com o período vago.

Em pouco tempo entregaram os textos e com tempo sobrando ouvimos algumas músicas que veio do playlist de uma aluna. Os alunos estavam sentados em cima de classes, outros em pé e outros nas cadeiras. Logo que a menina ligou o seu celular e colocou na minha caixa de som alguns reclamaram dizendo que ela só tinha música ruim e ela defendeu dizendo que ainda não haviam ouvido para dizer alguma coisa.

Depois de um tempo todos estavam curtindo. Aquele playlist continha inúmeros gêneros musicais.

Para Galizia (2009, p. 78-79):

Axé, techno brega, funk, rap, enfim, todos os estilos que nossos alunos vivenciam em seu dia-a-dia poderiam estar em sala de aula para se trabalharem conteúdos técnico-musicais, ou senso crítico, ou ainda como elemento motivador. Dessa forma, o ensino de música nas escolas passaria a ter um sentido concreto nas vidas dos alunos, aproximando-se de seu cotidiano. Mesmo que as músicas dos alunos façam parte da indústria cultural, tal fato não justificaria seu afastamento da sala de aula. Essas músicas poderiam ser utilizadas como elementos pedagógicos de motivação ou, ainda, como exemplos da própria indústria cultural, caso esse seja um assunto trabalhado em aula. De qualquer forma, caso se pretenda criar um senso crítico e posturas criativas em nossos alunos, ignorar esse enorme conteúdo musical tão familiar a eles não teria sentido pedagógico.

Os textos entregues eram concisos, pragmáticos sem o mínimo rodeio. Entre todos que li destaco estes, cujos nomes são todos fictícios, respeitando a identidade de cada aluno:

As pessoas dizem que tudo é muito difícil. É difícil se dar bem em tal profissão. É difícil seguir um sonho, mas eu penso que é como o grupo de rap “Primeiramente” fala em sua música. Se fosse fácil eu já estaria bem mais longe, como num passo cruzaria o horizonte. Mas penso também que tudo é movido pela dedicação, pelo seu esforço, como na letra de “Jesus chorou” que diz: “Lágrimas molham a medalha de um vencedor, chora agora, ri depois, ai Jesus chorou”[trecho da música]. (Gonzalo)

Eu escolhi Pitty “Máscara” por que hoje em dia as pessoas tem medo de mostrar quem realmente são e se escondem atrás de máscaras uns dos outros, em vez de ficar sem ela e ver mesmo. Sei também que não é tão fácil, tipo, às vezes colocam máscaras para se enturmar e não ficar sozinho. Então acredito que o medo é o principal motivo para máscaras por isso “seja você mesmo que seja estranho, seja você mesmo que seja bizarro, bizarro” [trecho da música]. (Thaís)

Menores e bebidas não combinam, ainda mais em festas, podendo acontecer algum acidente. Já dizia o grande filósofo MC Fiote, em sua música “Vai dar pt”: “Foi pro baile muito louca afim de se envolver, só tem 17 anos e o que vai acontecer? Vai dar pt, vai dar, vai dar pt, vai dar” [trecho da música] (Laura)

“Eu tô aqui pra quê?

Será que é pra aprender?

Ou será que é pra sentar, me acomodar e obedecer?

Tô tentando passar de ano pro meu pai não me bater

Sem recreio de saco cheio porque eu não fiz o dever

A professora já tá de marcação porque sempre me pega

Disfarçando, espiando, colando toda prova dos colegas

E ela esfrega na minha cara um zero bem redondo

E quando chega o boletim lá em casa eu me escondo

Eu quero jogar botão, vídeo-game, bola de gude

Mas meus pais só querem que eu “vá pra aula!” e “estude!”

Então dessa vez eu vou estudar até decorar “cumpádi”

Pra me dar bem e minha mãe deixar ficar acordado até mais tarde

Ou quem sabe aumentar minha mesada

Pra eu comprar mais revistinha (do Cascão?)

Não. De mulher pelada [trecho da música].

Essa música relata a nossa população, hoje em dia você vai para a escola obrigado por seus pais se não você apanha, quando não tem recreio os professores ficam brabos com o colégio, se você tira um 10 sua mãe diz que “você não fez mais que a sua obrigação”, se você for perguntar para seus pais o que eles aprenderam na escola na época deles, eles não saberão dizer porque ninguém presta atenção na aula. Quando eu tiver um filho(a) vai ser assim, ele vai me perguntar o que eu aprendi na escola na minha época e eu não vou saber quase nada” (Bento)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas vezes pensamos que os jovens são estranhos ou inadequados, que seu mundo é um mundo fantasioso, que a realidade é dura e diferente. Os conhecimentos aprendidos por eles podem ser compartilhados desde que estejamos dispostos a ouvir e isto faz parte da educação musical, ouvir e apreciar.

Segundo Corti e Souza (2005, p.118):

Como vemos, a escola assume para os jovens diversos sentidos que são, muitas vezes, desconhecidos ou até negados. Uma das faces desta questão está ligada à forma como a instituição define e se relaciona com os sujeitos que pretende ensinar. Quando pensamos em como a escola costuma focalizar e tratar os jovens, percebemos logo que predomina a categoria aluno. É difícil que este seja visto como um jovem marcado por uma maior complexidade de relações e vivências que não se limitam à escola.

As músicas que me apresentaram, em casa fiz questão de ouvir, nestas músicas havia conteúdo histórico, história do Brasil, história de afros descendentes, da periferia, havia conteúdos de língua portuguesa, trava-línguas, a maior palavra da Língua Portuguesa (Pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiotocendente). Havia assuntos relacionados à sociologia. Havia conversas para dias. Havia também conteúdo de matérias escolares, exercícios de técnica vocal e o que está nos fones de ouvido.

É necessário ver o aluno não somente como aprendiz. Atualmente estes jovens estão além da sala de aula e devem ser ouvidos e tratados de tal forma.

Vários estudiosos apontam como um aspecto importante nesse descompasso ou distância o fato da escola (professores e outros profissionais da instituição) conceber os jovens apenas como alunos e não como jovens. (ARROYO, 2007, p.18)

Acredito que estar apto a lecionar é estar apto a errar, a tentar outra vez. É ouvir uma vez. Ouvir milhares de vezes. É estar disposto a aprender e a reaprender. É saber ser determinado, quando necessário e se deixar ser corrigido também. Com os alunos do ensino médio me descobri como professora.

E como tal, percebi que a literatura sobre educação musical apesar de

indispensável para a formação e base consistente de um plano de ensino ou de aula de qualidade, não substitui o encontro: aluno e professor. Este é único. Foi a forma divertida dos adolescentes que gerou em mim o prazer de estar em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Margarete. Escola, juventude e música: tensões, possibilidades e paradoxos. **Em Pauta**, v. 18, n. 30, p. 5, 2007.

CATANI, Afrânio Mendes. **Culturas juvenis: múltiplos olhares**. Unesp, 2004.

CORTI, Ana Paula; SOUZA, Raquel. **Diálogos com o mundo juvenil: subsídios para educadores**. Ação Educativa, 2005.

DOS SANTOS, Cristina Bertoni. Aula de música e escola: concepções e expectativas de alunos do ensino médio sobre a aula de música da escola. **Revista da ABEM**, v. 20, n. 27, 2014.

GALIZIA, Fernando Stanzione. Educação musical nas escolas de ensino fundamental e médio: considerando as vivências musicais dos alunos e as tecnologias digitais. **Revista da ABEM**, v. 17, n. 21, 2014

GODOY, Carmen Maria Gonçalves. **A aprendizagem e a música**. 2015.

GIMENO, José. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MILETTO, Evandro Manara et al. Educação musical auxiliada por computador: algumas considerações e experiências. **RENOTE: revista novas tecnologias na educação** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS, 2004.

SOUZA, Jusamara; DE ARAÚJO TORRES, Maria Cecília. Maneiras de ouvir música: uma questão para a educação musical com jovens. **Música na educação básica**, v. 1, n. 1, 2017.

SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. **Revista da ABEM**, v. 12, n. 10, 2014.

SOUZA, Jusamara Vieira. **Música, cotidiano e educação**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Música-Mestrado e Doutorado, 2000.

SOBRE A ORGANIZADORA

Gabriella Rossetti Ferreira

- Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.
- Mestra em Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.
- Realizou parte da pesquisa do mestrado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL).
- Especialista em Psicopedagogia pela UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados - Polo Ribeirão Preto.
- Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Agência de Fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.
- Atua e desenvolve pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade, Formação de professores, Tecnologias na Educação, Psicopedagogia, Psicologia do desenvolvimento sócio afetivo e implicações na aprendizagem.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0921188314911244>

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-308-8

